



PLANEJAMENTO NO ENSINO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO: A ESPACIALIDADE PREVISTA NO PLANO DE AULA

Adriana David Ferreira Gusmão¹

adrianadavid@uesb.edu.br

Resumo

O planejamento de ensino é uma exigência da sistematização da prática docente, além de essencial para a organização do trabalho do professor que pretende realizar um bom trabalho e aproximar o conhecimento a ser ensinado do conhecimento a ser aprendido. Desse modo, o planejamento deve prever o alinhamento entre tema, conteúdos, objetivos, metodologia e recursos. Partindo desses pressupostos, este trabalho destaca a relevância de prever o desenvolvimento do raciocínio geográfico no planejamento das aulas, inserindo os princípios e objetivos do pensamento espacial no plano de ensino. O raciocínio geográfico é uma forma de pensar e interpretar os fenômenos que ocorrem no espaço geográfico e isso pode e deve ser feito com a ajuda do professor que apresenta, estimula e potencializa a reflexão sobre a realidade. Desse modo, o ensino de Geografia, tem a peculiaridade de ler e versar sobre as mudanças que aconteceram e acontecem na sociedade, com o intuito de elaborar pensamentos sobre o mundo em movimento e a formação de ideias e o estabelecimento efetivo da relação teoria-realidade. Nessa toada, a discussão ora proposta abarca a ideia de inserir os princípios e objetivos do raciocínio geográfico no plano de aulas de Geografia, bem como estabelecer associações com a análise da espacialidade dos fenômenos geográficos cumprindo, assim, o real papel da Geografia Escolar.

Palavras-chave: Raciocínio Geográfico, Planejamento, Geografia Escolar.

Introdução

Planejar é um ato de reflexão que conduz à organização e articulação. Em que pese a necessidade de fazer escolhas para o melhor fazer, o planejamento é recurso indispensável. Ao associar planejamento com resultados esperados, nos diversos campos da vida, pode-se encontrar, facilmente a necessidade do projeto arquitetônico para uma edificação, do planejamento estratégico para empresas e do plano de ensino para a prática docente.

Em se tratando de Geografia Escolar, quanto mais o planejamento abarcar os conteúdos e práticas espaciais significativos para os alunos, maior será a possibilidade de se despertar o interesse deles e, por consequência, haverá maior adesão aos estudos que ascendam às possibilidades de aprender. Nesta perspectiva, Silva e Cavalcanti (2009) reforçam que:

[...] a educação geográfica escolar terá maiores possibilidades de ser bem sucedida por meio de conteúdos mais significativos para os alunos. A elaboração dos conceitos mediante signos e representações contribuirá com práticas mais

¹ Professora da área de ensino de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, líder do Geiser (Grupo de pesquisa em inovação, suporte ao ensino e recursos didáticos), docente do PPGEN-UESB.



conscientes no espaço social cotidiano, com o intuito de educar para estar, viver e conviver no mundo (SILVA; CAVALCANTI, 2009, p. 270).

Na mesma linha de pensamento, há que se destacar, ainda, a complexidade do espaço e a necessária transmutação da sua discussão para os contextos de ensino e de aprendizagem, com a intenção de realizar a tríade ler-compreender-analisar. Essa tríade requer a prática de saber olhar, observar, descrever, registrar e comparar; habilidades que definem uma prática docente e uma conduta discente específicas, diferentemente dos modos de ensinar/aprender que preconizam a enumeração de dados, a fragmentação dos conteúdos e das análises e as operações conceituais desconexas e isoladas, sem considerá-las no contexto da totalidade que reflete o mundo de vida.

Nessa direção, Kimura (2008) destaca a necessidade de, em primeiro lugar, conhecer o espaço educativo, ou seja, a escola onde o ensino e a aprendizagem acontecem. Esse seria um primeiro recorte espacial, pois:

No recorte espacial que se faz, surgem as relações existentes em determinado espaço ou de um espaço com outro, em que emerge a relação entre o local e o global. Nos tempos atuais, tidos como de globalização, essa relação torna-se bastante visível, de maneira que ela pode ser esclarecida aos alunos (KIMURA, 2008, p.102).

A espacialidade emerge, então, como cerne do ensino da Geografia, fundamentando a reflexão, o planejamento e a prática, além de nortear as escolhas teóricas acerca do exercício do raciocínio espacial e das práticas socioespaciais. Por isso, a organização do ensino de Geografia requer considerar o movimento da sociedade e suas repercussões no espaço, pois como afirma Cavalcanti (2002), tem sido peculiar a esse componente do ensino pensar sobre seu papel na sociedade em mudança. Nessa linha de pensamento, os conteúdos geográficos devem propiciar a formação de raciocínios geográficos que se relacionem com a vida cotidiana dos alunos.

Pela via descrita, o ensino percorre um caminho repleto de “estações”, por assim dizer. Essas “estações”, previstas no planejamento, são os objetivos, as habilidades, os conteúdos e os métodos que, ao serem articulados, dão ao ensino e à aprendizagem, respondendo ao por que, onde e como a docência se realiza. No entanto, há algo mais que precisa ser considerado no planejamento para o ensino de Geografia, sobretudo quando se deseja ensinar a ler o espaço. Assim sendo, o raciocínio geográfico torna-se um dos veículos ou mesmo o combustível para cumprir o caminho.

Para Cavalcanti (2002, p.15) “Os conceitos geográficos são instrumentos básicos para a leitura do mundo [...]” de forma que conduzem reflexões e “disparam” operações acerca da



realidade, facilitando a espacialização dos conteúdos trabalhados na sala de aula. Além disso, os conceitos geográficos são recursos para a compreensão dos diversos espaços que permitem que os alunos localizem e deem significação aos lugares, relacionando os temas com a vida cotidiana.

Para Callai (2005), uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si as marcas da vida dos homens. Nesta perspectiva, ler o mundo vai além da leitura cartográfica, do mapa ou pelo mapa. Ainda para a mesma autora (2005, p.228) “É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto nossas utopias, como os limites que nos são postos [...]”. Essa perspectiva é necessária e deve ser fundamental para o professor, ao planejar o ensino.

É ainda, fundamental, que se tenha clareza das pretensões com o ensino de Geografia, dos seus objetivos e das habilidades a serem desenvolvidas, para além da definição dos conteúdos a serem trabalhados. O papel da Geografia Escolar é “Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades [...]” (CALLAI, 2005, p. 228-229). Tendo por base a premissa da leitura do mundo, o professor encontra um de seus propósitos na mediação do conhecimento para que o aluno reflita e opere com o conceito de espaço.

O espaço geográfico é o conceito que deve orientar a prática docente no ensino de Geografia *pari passu* à sua transmutação em categoria de operação mental destinada a instrumentalizar os estudantes na leitura do mundo da vida. Segundo Carlos (2019):

O conceito de *espaço* localizado no movimento a produção social – numa realidade concreta, em relações reais que se desenvolvem no bojo de um movimento real – ganha um novo conteúdo. De materialidade absoluta, o espaço se revela como movimento constitutivo do social, penetrando e determinando a práxis em suas várias dimensões. Supera-se a ideia de produção das coisas no espaço, para focar a produção do próprio espaço no movimento de reprodução da vida e da história [...] (CARLOS, 2019, p. 20).

Assim, apropriando-se do conceito de espaço enquanto movimento e que ele se realiza espacialmente (Op. cit.), resultando na produção e reprodução da vida, das coisas e da história, é inegável que se pensa, em igual modo, em uma dinâmica que remete à uma simbiose cotidiana entre sociedade e espaço, ainda que repleta de contradições e desencontros, numa dialogicidade ativa e tensionada por diferentes fatores: área, natureza, capital, intenções, entre outros.

O espaço produzido e reproduzido, além da espacialidade resultante do movimento, são conceitos devem estar presentes, permeando e referendando o ensino dos conteúdos de Geografia,



mas nem sempre a discussão acerca disso está clara e determinada pelo professor no seu planejamento de aulas. A espacialidade dos fatos e fenômenos geográficos, físicos e sociais é, por vezes, esquecida em sala de aula e a Geografia é, então, negligenciada pela própria Geografia. Isso é feito quando se trabalha os conteúdos escolares sem realizar as devidas vinculações entre o espaço, os seus movimentos e dinâmica, tendo como resultante a sua espacialidade. Há ainda que se considerar, segundo Straforini (2018, p. 186):

Se para cada conteúdo de ensino (os conteúdos empíricos da Geografia), o professor precisa inter-relacionar os conteúdos estruturantes (escala, espaço e tempo), os procedimentos metodológicos (onde, como e por quê?) e os processos físicos e humanos em interação, para que a espacialidade do fenômeno seja compreendida em sua totalidade, abre-se um grande desafio metodológico: o grau de complexidade da abordagem junto aos escolares e a própria escala do fenômeno ou evento geográfico a ser estudado, pois os mesmos conteúdos escolares são trabalhados em diferentes anos do processo de escolarização.

No ensino de Geografia, os saberes e a ação docente deverão ser norteados pela concepção de espaço e das demais categorias geográficas, incluindo as escalas, de forma que os conteúdos não sejam o fim, mas sim os “disparadores” temáticos para se desenvolver o tão necessário raciocínio geográfico. Esse é um grande desafio metodológico para a prática docente, haja vista a necessidade de mudança de paradigma e das rotas de pensar-fazer em sala de aula. Desse modo, deve-se pensar em um ensino de Geografia no qual a interação entre os elementos de ensino resulte em um raciocínio espacial conectado e dialógico, numa dinâmica ilustrada a seguir.



Considerando a interação entre os elementos do ensino de Geografia, ilustrada na figura anterior, é possível organizar o planejamento sob uma nova perspectiva para, assim, colocar em relevo o que Castellar e Juliasz (2017, p.162) afirmam:



O pensamento espacial mobiliza e desenvolve o raciocínio geográfico pois trata-se de inserir os princípios e conceitos estruturantes para análise do espaço e sua dinâmica, por exemplo, escala, extensão, localização, as relações entre as unidades de medida, as diferentes formas de calcular a distância (milhas, tempo de viagem, custos de viagem), os sistemas de coordenadas, a natureza dos espaços (bidimensionalidade e tridimensionalidade). Trata-se de buscar fundamentos para consolidar a Geografia no currículo escolar por meio de novas abordagens de aprendizagem, integrando a didática com os conceitos e princípios geográficos. Trata-se também de dar força a educação geográfica, por meio da compreensão dos fenômenos e situações geográficas vivenciadas pelos alunos em seu cotidiano, relacionando-os e compreendendo-os.

Na perspectiva das autoras, sobre o desenvolvimento do pensamento espacial, se destacam “as habilidades de pensamento espacial relacionadas com as capacidades de: observar, organizar informações, compreender, relacionar, interpretar, explicar e, ainda, elaborar uma representação cartográfica para sistematizar o conhecimento geográfico adquirido” (Op. Cit., p. 163).

A Base Nacional Comum Curricular indica que, para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico (BRASIL, 2018). Os princípios do Raciocínio Geográfico também são citados no documento, sendo eles a Analogia, Conexão, Distribuição, Localização, Ordem, Diferenciação e Extensão. Há que se destacar que, Cavalcanti (2019, p. 97) orienta para a existência de outros princípios de raciocínio, a saber: Distância, Posição, Escala, Causalidade e Conectividade e de Operações de Raciocínio Espacial relativas à: Observação, Descrição, Imaginação, Memorização, Explicação, Compreensão, Argumentação, Representação, Significação e Síntese (CAVALCANTI, 2019).

O vocabulário do ensino precisa ser ampliado, no sentido de abarcar o mundo dinâmico da produção do espaço que Massey (2008, p. 32) tão bem esclarece acerca de “Um espaço, então, que não é um recipiente para identidades sempre-já constituídas nem um holismo completamente fechado”; mas sim, expressões de sentidos múltiplos para a existência das pessoas e das coisas por elas construídas, sobre as múltiplas possibilidades de significação e representação. O aqui, o agora, o aonde, o quando, o passado, o presente, o futuro, o inesperado são apenas algumas das orientações para as discussões que podem aflorar e fluir em sala de aula.

Pensando em um planejamento de ensino de Geografia, que preconize a formação e o exercício do raciocínio espacial do professor – pois nem sempre esses raciocinam espacialmente ao preparar suas aulas- e dos estudantes, que precisam ser estimulados a pensar sobre coisas que,



talvez, não estejam sendo consideradas, propõe-se que os planos de aula prevejam os princípios e objetivos associados ao raciocínio geográfico, relativos ao tema a ser ensinado. Isso faz com que o docente desperte para a lógica espacial que estrutura ou atravessa o conteúdo curricular, ali mesmo, no ato de pensar a aula e, por conseguinte, não perca de vista o objetivo de formular argumentos sobre a espacialidade, o início ao final da aula. Uma proposta para essa ação pode ser assim ilustrada:

PLANO DE AULA					
IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO PROFESSOR:					
TEMA DA AULA					
OBJETIVO GERAL:					
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO(S)	PENSAMENTO ESPACIAL		OPERAÇÕES DE RACIOCÍNIO ESPACIAL	ESTRATÉGIAS E RECURSOS
		PRINCÍPIOS DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO ²	OBJETIVOS DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO ³		
AVALIAÇÃO:					
REFERÊNCIAS					

Com base nessa perspectiva de planejamento, espera-se ser possível que o professor trabalhe o raciocínio geográfico de forma sistematizada, de modo a desenvolver o pensamento espacial no curso das discussões de temas de ensino, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar suas próprias vivências e analisar a dinâmica da sociedade e da natureza, numa significação didática e articulada.

Considerações Finais

A tomada de consciência é o primeiro passo para a mudança. Em seguida, o estudo frequente e permanente na busca pelo conhecimento para reformular o modo de pensar e agir na docência. Esse movimento pessoal e profissional é necessário e deve ser “efervescente”. Nunca foi tão necessário reavivar o saber-fazer no ensino, seja pelo contexto pandêmico que ativou e adicionou estratégias, seja pela necessidade de atribuir significados à Geografia Escolar.

Nessa perspectiva, torna-se importante resgatar Straforini (2018, p. 93), quando este diz que “a Geografia Escolar é uma prática espacial de significação discursiva, que produz visões de mundo a partir daquilo que seleciona (os conceitos e os conteúdos) e de como ensina esses conteúdos

² A serem trabalhados na aula.

³ A serem alcançados com base nos temas e princípios.



(metodologias de ensino)”; pois é durante a organização do ensino que o professor elege, aprende, resgata, propõe, concebe e, muitas vezes, compreende a sua própria necessidade de conhecimento.

Ao planejar, o professor se responsabiliza e se compromete. Por esse motivo, retornar ao objeto e aos objetivos do ensino de Geografia é um ato de responsabilidade, afeto e respeito à ciência geográfica e à sua importância. Somente, assim, será possível dissipar o embaçamento que insiste em escamotear o sentido real na Geografia Escolar.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 10 agosto de 2019.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri Carlos; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **A Necessidade da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. **Educação geográfica e pensamento espacial**: conceitos e representações. Acta Geográfica, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&Alfa Comunicação, 2019.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**. Editora Contexto, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SILVA, Eunice Isaias; CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ambiente urbano, teia ou rede de significações**. Revista Solta a Voz, v. 19, n. 2, 2008.

STRAFORINI, Rafael. **O ensino de Geografia como prática espacial de significação**. Estudos Avançados, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018.